

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. [www.revel.inf.br].

GRAMATICALIZAÇÃO – UMA ENTREVISTA COM ELIZABETH CLOSS TRAUGOTT

Elizabeth Closs Traugott

Stanford University

REVEL – O que é a gramaticalização? Quais áreas da Linguística se relacionam com os estudos sobre gramaticalização?

E. C. TRAUGOTT – “Gramaticalização” é o desenvolvimento de expressões procedurais, entre elas as expressões de tempo, aspecto, modalidade, caso, pronomes pessoais, complementizadores e outros conectivos. Também se refere ao estudo de tal desenvolvimento. Expressões procedurais têm significados abstratos que sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientação dêitica. Dependendo da visão de gramática adotada, a gramaticalização também inclui o desenvolvimento de marcadores pragmáticos como marcadores de fronteiras (por exemplo, *bem*), construções-comentário (por exemplo, *eu acho*) e *tag questions* (por exemplo, *né?*). Em meu ponto de vista, qualquer aspecto semântico da estrutura da língua é parte da gramática, por isso eu incluo as marcações pragmáticas e considero seu desenvolvimento como típico do desenvolvimento de expressões procedurais.

O modelo de gramaticalização dominante no século XX foi o de redução. Suas raízes podem ser encontradas na maioria dos registros do século XIX e principalmente em Meillet (1958[1912]). Meillet discute a mudança de item lexical para item gramatical (perda de significado do conteúdo e de limites morfológicos), e a fixação da ordem de palavras (por isso a perda da liberdade sintática). Em seu livro *Thoughts on*

Grammaticalization (1995), Lehmann sugeriu um conjunto de “parâmetros” e “processos” que tiveram ampla aceitação. Os processos são “desgaste” das características semânticas e segmentos fonológicos, paradigmaticização, “obrigatorificação”, condensação, coalescência e fixação. Tudo isso reduz a sinalização linguística ou sua liberdade posicional, motivo pelo qual a gramaticalização veio a ser associada com perda, seja de elemento lexical (“branqueamento”) ou de complexidade estrutural (como redução de sentenças complexas para simples e perda de limites morfêmicos). O desenvolvimento do latim *cantare habeo* ‘cantar.INF ter.PRES para o francês *chanterai* veio a ser um exemplo prototípico de gramaticalização: um item lexical com conteúdo *have* – ‘ter’ deixou de referir a (abstrato) posse, deixou de ser usado livremente antes ou depois do verbo no infinitivo, foi fundido com o marcador de infinitivo, foi morfofonologicamente reduzido e veio a ser usado como membro do paradigma de tempo. Outro exemplo prototípico é o desenvolvimento de BE *going to*. Inicialmente um verbo de movimento usado em uma construção teleológica imperfectiva, passou a ser usado como um auxiliar. Aqui há perda de significado de movimento e de intenção, fixação da ligação BE *going to V* com o verbo imediatamente adjacente (*I am going to Beijing to give a course*, com um sintagma de direção entre *BE going* e a intenção, não está sendo usado como auxiliar) e, eventualmente, fusão fonológica como em *be gonna*. O modelo de gramaticalização como redução levou a hipóteses sobre unidirecionalidade de mudança. Pelo fato de ser uma hipótese testável de unidirecionalidade, era um conceito desafiador – e particularmente interessante – e ganhou muita atenção na virada do século, especialmente em Campbell (2001).

O modelo de gramaticalização como redução começou a ser desafiado em torno do fim do século XIX por diversos pesquisadores, incluindo eu mesma. A dessemantização passou a ser entendida como perda de sentido com conteúdo, mas com ganho de significado procedural (por exemplo, se existisse perda de significado de movimento, com a ascensão do auxiliar BE *going to*, haveria ganho de significado temporal; ver Sweetser 1988). Em uma conferência de 1995 eu sugeri que a ocorrência dos marcadores pragmáticos – a exemplo da remarcação de *in fact* como em *I like it, in fact I love it* – é um caso de gramaticalização. Marcadores pragmáticos evidenciam fixação e alguma coalescência, mas seu desenvolvimento envolve ampliação do escopo (de advérbio intra-frasal para marcador extra-frasal), o que

viola o parâmetro de condensação de Lehmann. Em 2004, Himmelmann publicou um artigo surpreendente argumentando que a gramaticalização envolve três tipos de expansão de contexto: i) expansão da classe hospedeira (itens lexicais usados como proposições procedurais são usados com mais e mais “hospedeiros”; por exemplo, como um auxiliar, *BE going to* passou a ser usado com verbos estáticos como *gostar*, que são incompatíveis com movimento), ii) expansão sintática (as novas formas gramaticais estão disponíveis em mais e mais estruturas sintáticas, por exemplo *BE going to* passou a ser usado em construções de alçamento, como *There is going to be a storm* [haverá uma tempestade]), e iii) expansão semântico-pragmática (primeiramente o tempo relativo ‘depois’ vinculado pela intenção passou a ser parte da semântica de *BE going to*, e posteriormente o dêitico futuro baseado na perspectiva do falante foi desenvolvido). A expansão começou a ser vista como um resultado necessário da redução: se um item é dessemantizado ou “obrigatorificado”, então é usado em mais e mais contextos, e também com mais frequência. Um olhar mais atento sobre as histórias da maioria das mudanças consideradas como gramaticalização mostra que a redução e a expansão estão intimamente ligadas. Nesse modelo, a unidirecionalidade tem um papel menos significativo a desempenhar do que no modelo de redução, e não segue as propriedades e características da gramaticalização.

Em resposta a sua questão, quais áreas da linguística estão envolvidas nos estudos de gramaticalização, eu diria que a maioria das áreas de linguística histórica. Embora originalmente estudada por perspectivas amplamente funcionais, atualmente é explorada em perspectivas minimalistas e outras perspectivas gerativas (ver, por exemplo, Roberts e Roussou 2003, van Gelderen 2004). As principais áreas de estudo são a semântica, a pragmática, a sintaxe, a morfologia e a morfofonologia. Já que a mudança surge da variação e também a faz surgir, o estudo da variação e da mudança é central para vários estudos. Por muito tempo, houve uma tradição de trabalho na gramaticalização e tipologia (por exemplo, Heine e Kuteva 2002). Como uma análise do Oxford Handbook of Grammaticalization (2011) de Narrog e Heine mostra, ainda há um trabalho ativo em sociolinguística, fenômenos de contato e de área, entre outros tópicos. A linguística de corpus é uma metodologia de importância crescente para o trabalho em gramaticalização (ver, por exemplo, Lindquist e Mair 2004).

Defini gramaticalização como o estudo da mudança. Entretanto, muitos acadêmicos usam as descobertas da pesquisa em gramaticalização para organizar a variação sincrônica no domínio procedural da língua e para sugerir possíveis caminhos nos quais a mudança ocorreu. Os dados são frequentemente mais conversacionais do que escritos. Isso abriu novos caminhos para a pesquisa, assim como para um estudo de possíveis correlações prosódicas com gramaticalização (Wichmann 2011). No trabalho em dialetos do inglês, Tagliamonte (2004) usa análise multivariada para modelar fatores de obstáculos e pesos na variação entre Northern British *have to*, *gotta* e *must* para sugerir meios em que as normas da comunidade podem afetar caminhos de gramaticalização ao longo do tempo e como surgem as diferenças dialetais (o uso dos modais no Southern British English é consideravelmente diferente). Outra área relativamente nova de pesquisa se baseia em evidências sincrônicas de processamento para hipotetizar como e por que ocorre a gramaticalização. Aqui há ligações com a psicologia (ver Fischer 2007, que se baseia na psicologia (Tomasello 2003) e neurolinguística (Pulvermüller 2002)).

REVEL – De acordo com o *biosketch* no seu website, sua ‘atual pesquisa foca nos caminhos para trazer as teorias da gramática construtiva, gramaticalização e lexicalização juntas em uma teoria unificada de mudança construcional’. Você pode nos falar mais sobre este projeto?

E. C. TRUGOTT – Graeme Trousdale e eu recentemente publicamos um livro sobre esse assunto com o título *Constructionalization and Constructuional Changes* (2013). Há inúmeros modelos de gramática construcional. Em todas as unidades básicas da gramática está a construção do par forma-significado (também conhecido como “sinais”). As construções podem ser procedurais (gramaticais) ou de conteúdo (lexicais); em muitas há ambos os elementos. O modelo que adotamos é baseado no uso e geralmente consistente com Croft (2001) e Goldberg (2006).

Brevemente, a construcionalização é o desenvolvimento de pares do tipo forma_{nova}-significado_{novo}. O estudo da construcionalização envolve gramaticalização e lexicalização, mas vai além deles em dois aspectos importantes. O primeiro é que ambos forma e significado devem ser considerados igualmente. Em oposição, a

gramaticalização frequentemente tem sido pensada fundamentalmente em termos de significado e estrutura conceitual (por exemplo, o trabalho de Brend Heine) ou de forma (por exemplo, o trabalho de Christian Lehmann). Em contraste, a lexicalização tem sido vista em termos de mudança na forma somente, especialmente na coalescência (por exemplo, Lipka 2002, Brinton e Traugott 2005). Já que a arquitetura da gramática construtiva não apresenta diferentes módulos de gramática e a unidade básica da gramática é a construção, não são necessárias interfaces específicas (por exemplo, entre sintaxe e semântica ou entre estrutura de informação e prosódia). Preferencialmente, uma construção consiste em um conjunto de traços que inclui a semântica, a pragmática e função discursiva no lado do significado e sintaxe, morfologia e fonologia no lado da forma (ver Croft 2001). Qualquer um desses pode mudar (chamamos isto de mudança construcional); apenas quando o emparelhamento forma-significado aparece nós consideramos como uma construcionalização.

O segundo caminho pelo qual a construcionalização envolve e vai além da gramaticalização e da lexicalização é que as mudanças são pensadas não apenas em termos de elementos específicos, mas também em função dos esquemas abstratos para os quais eles são recrutados ou para os quais eles servem como fonte. Para evitar possíveis confusões, devo mencionar que pensamos os esquemas como pares abstratos de forma-significados com espaços e conexões para redes mais amplas. Alguns esquemas consistem inteiramente em espaços. Provavelmente o mais amplamente discutido desses esquemas seja o bitransitivo SUJ V OD OI, como em *eu dei o livro para ela* [I gave her the book]. Essa visão de esquemas como pares de forma-significado contrasta com aquela da gramática cognitiva, em que os esquemas são conceituados como estruturas cognitivas e principalmente semânticas abstratas (ver, por exemplo, Lakoff 1987 e Langacker 1987). Heine, Claud e Hünemeyer (1991) discutem esquemas em gramaticalização a partir dessa perspectiva da gramática cognitiva.

Sob uma perspectiva da construcionalização, a história de *BE going to* deve ser vista não apenas em termos de mudança para a ligação *BE going to*, mas também em termos do sistema auxiliar. Enquanto é certamente possível usar essa dupla perspectiva no trabalho com gramaticalização, e de fato essa aproximação está cada

vez mais vindo a ser a regra, também se tornou comum analisar um item em específico sem particular atenção para outros membros do conjunto para o qual e de qual são recrutados. No trabalho com construcionalização, a habilidade para ver como os esquemas e microconstruções são criados ou crescem e decaem, assim como a habilidade de acompanhar o desenvolvimento de padrões a níveis substantivos e esquemáticos, permite ao pesquisador ver como cada microconstrução tem sua própria história dentro das restrições de padrões mais amplos (de maneira mais imediata, esquemas; mas também outros nós da rede relacionados). Isso também fornece um caminho para pensar em mudança, analógica assim como em reanálise.

Nosso modelo de construcionalização foca em mudanças em composicionalidade, esquematicidade e produtividade e no laço da redução e expansão não apenas a nível de itens específicos, mas também de esquemas. Esse fato coloca um gradiente entre construções procedurais e construções com conteúdo, e confirma hipóteses anteriores (por exemplo, Brinton and Traugott 2005) que mudanças para resultados – tanto procedurais como de conteúdo – são similares em muitos aspectos. Enquanto a lexicalização tem sido pensada como uma redução, Trousdale e eu mostramos que quando se pensa em desenvolvimento de construções com conteúdo, assim como a ascensão de padrões de formação de palavras como o inglês *X-dom* (*kingdom*, *boredom* [reino, tédio]) ou padrões idiomáticos como o padrão “*snowclone*” *X é o novo Y* (por exemplo, laranja é o novo preto), há expansão. Novos esquemas são desenvolvidos de modo a sancionar novas formações. Também pode haver redução: esquemas podem deixar de ser usados e tornarem-se obsoletos, e construções específicas podem submeter-se a coalescência e fusão. Um exemplo de crescimento e obsolescência é o desenvolvimento em Inglês Antigo de um esquema de formação de palavra *X-ræden* ‘X-status’; no Inglês Médio isso foi substituído por *X-dom* (originalmente também X-‘status’). Apenas dois membros do esquema permanecem em uso contemporaneamente, *hatred* e *kindred*, ambos uma redução fonológica.

Da forma que vejo, o acréscimo positivo de uma aproximação da construcionalização não é apenas o modelo de sinais, mas também o modo com que isso também agrega muitas linhas na literatura de gramaticalização e lexicalização, algumas delas não resolvidas, e firmemente os incorpora na visão de uma língua como um sistema que é ao mesmo tempo comunicativa e cognitiva.

ReVEL – Entre os linguistas, é amplamente aceita a ideia de que a mudança linguística acontece pela aquisição da linguagem – em suas próprias palavras, professora Traugott, “que a mudança linguística ocorra primordialmente como um resultado da aquisição é uma questão incontroversa” (2011)¹. Mas a história não termina aí. A senhora poderia nos explicar suas ideias sobre mudança linguística e a relação entre mudança e processo de aquisição?

E. C. TRAUGOTT – Apesar de falarmos sobre “mudança linguística”, a língua não muda por vontade própria. Da maneira como eu entendo, ela só muda porque falantes e ouvintes a utilizam. Todos devem aprender uma língua antes de poder usá-la. O input linguístico está repleto de variação, e tanto a produção (pelos falantes) como a percepção (pelos ouvintes) são afetadas pelo contexto. Por isso, a produção e a percepção frequentemente não combinam exatamente, e parece improvável que um usuário da linguagem possa adquirir exatamente o mesmo sistema que outro usuário. No meu ponto de vista, a aquisição ocorre ao longo da vida, e os jovens adultos (ou adolescentes), e não as crianças pequenas, é que são os principais responsáveis pela mudança, porque eles estão particularmente interessados na formação de identidade e na marcação das diferenças. Essa visão da mudança pressupõe que as mudanças aconteçam através de negociações de significado ativas dos interlocutores (Bybee 2010) e que, ainda que existam algumas capacidades cognitivas gerais, a língua é, em sua grande parte, aprendida ao longo da vida através de seu uso na comunicação (cf. Goldberg 2006). Isso contrasta com a visão gerativa que afirma que a língua é adquirida por crianças amplamente passivas cuja experiência com o input linguístico dispara o conjunto de parâmetros disponíveis universalmente, e que a mudança acontece quando o input não é suficientemente robusto para disparar o mesmo conjunto de parâmetros dos pais ou de outros usos mais antigos da língua (ver, por exemplo, Lightfoot 1999).

Uma questão para qualquer trabalho sobre mudança linguística diz respeito a como conciliar inovação individual com mudança compartilhada (Weinreich, Labov, and

¹ “Pragmatics and language change”, in Keith Allan and Kasia Jaszczolt, eds., *The Cambridge Handbook of Pragmatics*, 549-565. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Trecho original traduzido: “that language change occurs primarily as a result of acquisition is uncontroversial”.

Herzog 1968). Se eu inovar com alguma estrutura linguística nova, mesmo que eu a repita ao longo de toda a minha vida, isso não se caracteriza como mudança, porque não foi transmitido a outra pessoa. Para que a mudança aconteça, eu creio que deva existir uma evidência de “convencionalização” – outros devem usar a estrutura de maneira semelhante e ela deve estar suficientemente arraigada para que os outros possam repeti-la. Uma vez que os textos históricos até o século XIX são escritos e que sua sobrevivência se deu em grande parte a acasos da história, o mínimo que um pesquisador deve procurar é um par de exemplos de evidência de transmissão de um escritor para outro. Entretanto, na prática, é bom encontrar uma meia dúzia de exemplos em uma meia dúzia de textos antes de hipotetizar sobre alguma mudança linguística que possa ter ocorrido.

ReVEL – Existem muitos estudos sobre processos de gramaticalização em inglês e outras línguas germânicas (como seus livros *Approaches to Grammaticalization* (com Bernd Heine, 1991), *Grammaticalization* (com Paul Hopper, 1993), *Gradience, Gradualness and Grammaticalization* (com Graeme Trousdale, 2010), etc.). E estudos de gramaticalização em línguas indo-europeias, como o português? As línguas indo-europeias também contam com estudos na área da gramaticalização?

E. C. TRAUOGOTT – Sim, as línguas indo-europeias certamente são consideradas para estudos de gramaticalização. Temos visto muitos trabalhos sobre gramaticalização nas mais diversas línguas ao redor do mundo, incluindo as línguas indo-europeias, sobre o chinês, o japonês e o coreano. Alguma coisa aparece nos livros mencionados na pergunta acima. Na verdade, a maior parte do trabalho sobre mudança morfosintática, recebendo ou não o nome “gramaticalização”, tem prestado atenção ao desenvolvimento de marcadores procedurais. O *Oxford Handbook of Grammaticalization*, organizado por Narrog and Heine (2011), contém um artigo detalhado sobre gramaticalização em português brasileiro, escrito por Martelotta e Cezario, com exemplos do crescimento de alguns pronomes (*você* e *a gente*, por exemplo), auxiliares (*ir*, por exemplo) e conectores (*apenas*).

REVEL – A senhora poderia recomendar algumas leituras essenciais sobre Gramaticalização para nossos leitores?

E. C. TRAUOGOTT – Irei restringir minha resposta a trabalhos de gramaticalização como mudança linguística. Vou mencionar primeiramente três livros. *Thoughts on Grammaticalization*, de Lehmann (1995), é um livro-chave sobre gramaticalização como redução. O livro de Heine, CLaudi e Hünemeyer, de 1991, é essencial para saber mais sobre abordagens cognitivas à gramaticalização, com foco em metáforas conceituais. E, se me permitem, destacarei a segunda edição do livro *Grammaticalization*, organizada por Hopper e por mim mesma (2003), que apresenta uma ampla gama de trabalhos sobre gramaticalização no começo deste século. Se os leitores preferirem artigos, eu recomendo quatro. O texto de Lehmann (1985) é uma breve antecipação de seu livro de 1995 e é uma excelente introdução à sua perspectiva sobre gramaticalização. O texto de Himmelmann (2004) sobre gramaticalização e lexicalização é um trabalho fundamental para o trabalho de gramaticalização como expansão. O texto de Bybee (2011) fornece um excelente panorama de teorias de mudança linguística baseadas em uso e mostra como a redução cresce a partir da repetição crescente. O texto de Traugott (2010) fornece um panorama dos trabalhos feitos no final da primeira década deste século.

Qualquer um que queira ter uma visão ampla dos tipos de trabalho que a gramaticalização engloba deve consultar Narrog & Heine (2011) – com suas 900 páginas, é grande demais para ser lido, mas essencial para ser consultado!

Referências

Brinton, Laurel J. and Elizabeth Closs Traugott. 2005. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge University Press.

Bybee, Joan L. 2010. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bybee, Joan L. 2011. Usage-based theory and grammaticalization. In Narrog and Heine, eds., 69-78.

Campbell, Lyle, ed. 2001. Grammaticalization: A critical assessment. *Language Sciences* 23, Nos. 2–3.

- Croft, William. 2001. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Fischer, Olga. 2007. *Morphosyntactic Change: Functional and Formal Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- Gelderen, Elly van. 2004. *Grammaticalization as Economy*. Amsterdam: Benjamins.
- Goldberg, Adele E. 2006. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Heine, Bernd, Ulrike Claudi, and Friederike Hünemeyer. 1991. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- Heine, Bernd and Tania Kuteva. 2002. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Himmelmann, Nikolaus P. 2004. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In Walter Bisang, Nikolaus P. Himmelmann, and Björn Wiemer, eds., *What Makes Grammaticalization - A Look from its Fringes and its Components*, 21-42. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Hopper, Paul J. and Elizabeth Closs Traugott. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd, rev. ed.
- Lakoff, George. 1987. *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- Langacker, Ronald W. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- Lehmann, Christian. 1985. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile* XX: 303–318.
- Lehmann, Christian. 1995. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (2nd, rev. ed. of *Thoughts on Grammaticalization: A Programmatic Sketch*, 1982). A 2002 downloadable version is available at <http://www.christianlehmann.eu/> (under Schriftenverzeichnis, year 2002).
- Lightfoot, David. 1999. *The Development of Language: Acquisition, Change, Evolution*. Oxford: Blackwell.
- Lindquist, Hans and Christian Mair, eds. 2004. *Corpus Approaches to Grammaticalization in English*. Amsterdam: Benjamins.

- Lipka, Leonhard. 2002. *English Lexicology: Lexical structure, word semantics & word-formation*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (3rd revised ed. of *An Outline of English Lexicology*, 1990).
- Martelotta, Mário Eduardo T. and Maria Maura Cezario. 2011. Grammaticalization in Brazilian Portuguese. In Narrog and Heine, eds., 729-739.
- Meillet, Antoine. 1958[1912]. L'évolution des formes grammaticales. In Antoine Meillet, *Linguistique historique et linguistique générale*, 130-148. Paris: Champion. (Originally published in *Scientia (Rivista di scienza)* XXII, 1912.)
- Narrog, Heiko and Bernd Heine, eds. 2011. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press.
- Pulvermüller, Friedemann. 2002. *The Neuroscience of Language: On Brain Circuits of Words and Serial Order*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Roberts, Ian and Anna Roussou. 2003. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sweetser, Eve E. 1988. Grammaticalization and semantic bleaching. In Shelley Axmaker, Annie Jaissner, and Helen Singmaster, eds., *Berkeley Linguistics Society 14: General Session and Parasession on Grammaticalization*, 389-405. Berkeley, CA: Berkeley Linguistics Society.
- Tagliamonte, Sali. 2004. *Have to, gotta, must: Grammaticalisation, variation and specialization in English deontic modality*. In Lindquist and Mair, eds., 33-55.
- Tomasello, Michael. 2003. *Constructing a Language: A Usage-based Theory of Language Acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Traugott, Elizabeth Closs. 2010. Grammaticalization. In Silvia Luraghi and Vit Bubenik, eds., *Continuum Companion to Historical Linguistics*. London: Continuum Press, 269-283.
- Traugott, Elizabeth Closs and Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press.
- Weinreich, Uriel, William Labov, and Marvin Herzog. 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In W. P. Lehmann and Yakov Malkiel, eds., *Directions for Historical Linguistics*, 95-189. Austin: University of Texas Press.
- Wichmann, Anne. 2011. Grammaticalization and prosody. In Narrog and Heine, eds., 331-341.